

SERGIO VILAS-BOAS:
um ícone enigmático do
Jornalismo Literário
brasileiro

SERGIO VILAS-BOAS: an
enigmatic icon of Brazilian Literary
Journalism

SERGIO VILAS-BOAS: un icono
enigmático del periodismo
literario brasileño

Eduardo Ritter^{1, 2}

RESUMO

Um autor multifacetado, polivalente, complexo e enigmático. Assim é Sergio Vilas-Boas, que em 25 anos de carreira consolidou uma trajetória que inclui trabalhos sólidos e de referência em todos os campos do Jornalismo Literário: foi/é repórter, biógrafo, pesquisador, professor, escritor, romancista e muito mais. Tanto no romance ficcional quanto nas obras de jornalismo, a capacidade de criação de Vilas-Boas é evidente. E essa criatividade em vários momentos deixa as páginas dos livros para ser o norte de sua própria vida. Afinal, Vilas-Boas é em vários aspectos exatamente igual aos seus personagens: um sujeito que tenta se encontrar em um mundo cada vez mais complexo e caótico.

¹ Doutor e mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) graduado em Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Professor do Departamento de Ciências da Comunicação (Decom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), campus Frederico Westphalen. E-mail: rittergaucho@hotmail.com.

² Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen. Linha 7 de Setembro s/n, CEP: 98400-000, Frederico Westphalen, RS - Brasil

PALAVRAS-CHAVE: Sergio Vilas-Boas; Jornalismo Literário; Biografia; Jornalismo; Literatura.

ABSTRACT

A multifaceted author, versatile, complex and enigmatic. It's Vilas-Boas, who in 25 years of his career has consolidated a career that includes solid and reference works in all fields of Literary Journalism: he was / is a reporter, biographer, researcher, teacher, writer, novelist and much more. Both in the fictional novel and in the works of journalism, the creative capacity of Vilas-Boas is evident. And this creativity at various times leaves the pages of the books to be the north of his own life. After all, Vilas-Boas is in many ways exactly like his characters: a man who tries to find himself in an increasingly complex and chaotic world.

KEYWORDS: Sergio Vilas-Boas; Literary Journalism; Biography; Journalism; Literature.

RESUMEN

Un autor multifacético, polivalente, complejo y enigmático. Este es Sergio Vilas-Boas, que en 25 años de carrera consolidó una trayectoria que incluye trabajos sólidos y de referencia en todos los campos del Periodismo Literario: fue / es reportero, biógrafo, investigador, profesor, escritor, novelista y mucho más. Tanto en la novela ficcional como en las obras de periodismo, la capacidad de creación de Vilas-Boas es evidente. Y esa creatividad en varios momentos deja las páginas de los libros para ser el norte de su propia vida. Al final, Vilas-Boas es en varios aspectos exactamente igual a sus personajes: un sujeto que intenta encontrarse en un mundo cada vez más complejo y caótico.

PALABRAS CLAVE: Sergio Vilas-Boas; Periodismo Literario; Biografía; Periodismo; Literatura.

Recebido em: 12.05.2018. Aceito em: 28.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

Cada mergulho criativo é uma experiência singular. O conhecimento sobre o fazer é cumulativo. Mas não há fórmulas nem fôrmas. O que existem são formas: a forma que você atinge, que eu atinjo, que eles/elas atingem. Espera-se que tanto a forma quanto o conteúdo sejam originais ou irrepetíveis. Quem escreve, assim como quem pinta ou filma, está sempre em busca de algo novo (para si, pelo menos).

Sergio Vilas Boas

Apresentação

Um homem a procura de si mesmo. Um sujeito de alma grande, que sabe que a sua cidade e o seu país são muito pequenos diante da grandeza do universo. Um cara que zela pela privacidade, que entende que quando está “sozinho se encontra mais” e que não se prende às pessoas, às instituições, aos lugares e tão pouco às profissões. Um indivíduo que não tem medo de apostar alto ou de queimar a ponte recém-cruzada que ficou para trás. Um anjo torto, que não se chama Carlos, não tem Drummond no sobrenome, mas que tem um “quê” de gauche e de poeta, pois cada etapa da sua vida é uma rima ao mesmo tempo errante e envolvente.

Essa poderia ser a definição da trajetória de Angél Benadski, personagem brasileiro e catarinense que tenta a sorte nos Estados Unidos no final dos anos 1980, é preso assim que chega ao país e que foge da prisão para tentar se reencontrar na vida e no mundo. Ou ainda, poderia ser a descrição de Plínio Benadski, outro personagem do livro *Os Estrangeiros do Trem N*, também brasileiro que, mesmo com sofrimento, deixa para trás a família e a noiva no Brasil para construir uma nova vida no exterior – que inclui casamento com

repórter do *New York Times* em Las Vegas. Como também poderia ser a apresentação de Jaime, um sujeito que se encontra na casa dos 50 anos atordoado e deixa o Brasil e o passado para trás em busca da tranquilidade de uma cidade rural americana. Porém, essa não é a caracterização de nenhum desses personagens, mas sim, do criador de cada um deles: Sergio Vilas-Boas.

Em 2018, Vilas-Boas completa 25 anos de formação em Comunicação - Jornalismo. Nesse período, ele fez quase tudo que um jornalista que ingressa na profissão sonhando em se tornar escritor pode fazer: foi repórter de jornal; fez mestrado e doutorado com a orientação de Edvaldo Pereira Lima; foi para os Estados Unidos onde comeu o pão que o diabo amassou vivendo experiências que resultaram na produção do livro *Passageiros do Trem N*, com essa publicação venceu o prêmio Jabuti de 1998, principal na área da Literatura; foi no *Jô Soares Onze e Meia*, tornou-se professor; virou referência em Jornalismo Literário (JL) e em Biografia no Brasil; publicou cinco livros de não ficção, três acadêmicos e dois de ficção, além da organização de outras obras de referência no país; criou um site para publicar os seus textos mais breves (mas não por isso menos profundos); cansou de tudo e partiu para a Itália com a esposa e a gata de 16 anos onde entrou em um período de dois anos de abstinência literária para, exatamente no dia primeiro de abril de 2018 (uma data poética) voltar a escrever.

Mesmo declarando o abandono ao Jornalismo e à Literatura, tornou-se uma das principais referências de seu próprio tempo nas duas áreas “daquele país” (parafrazeando o personagem Jaime). Voltando a escrever ou não, retomando pesquisas ou não, Vilas-Boas já cravou o seu nome na história do JL. E é essa trajetória que esse artigo visa recuperar com um desafio e tanto: escrever uma espécie de biografia acadêmica e literária justamente sobre alguém que se especializou em biografias e Jornalismo Literário.

Metodologicamente, inicialmente destaco que optei por procedimentos abertos, caracterizando-se, acima de tudo, essa como uma pesquisa do tipo exploratória, desenvolvida com base na pesquisa qualitativa, que trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores, que dizem respeito a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos e processos e que não são perceptíveis em números, equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994). Ou ainda, essas pesquisas “envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso” (GIL, 1994, p. 44). Além disso, é utilizada a pesquisa bibliográfica como técnica. Vale lembrar que para uma pesquisa ser bibliográfica, as perguntas devem estar direcionadas para os autores, ou seja, ela ocorre “se o desejo é formular e encontrar respostas em fontes bibliográficas do campo da educação e outros campos do saber” (TEIXEIRA E, 2005, p. 118). Entrementes, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 1995, p. 71). No caso, foram consultadas, principalmente, obras do pesquisador que é objeto deste artigo e, também, do JL.

Assim, optei por apresentar Vilas-Boas a partir de quatro perspectivas, sendo que em cada uma delas, a produção do autor é retomada em ordem cronológica. Primeiro, abordo a atuação de Vilas-Boas como jornalista, desde a sua formação em Comunicação Social pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (hoje, UniBH), em 1993. Nessa perspectiva estão inclusas as produções de obras de não ficção de Vilas-Boas. Posteriormente, destaco as obras acadêmicas do autor pesquisado para, depois, em um terceiro momento, fazer a abordagem de seus dois livros de ficção: o já referido *Os Estrangeiros do Trem N* e *A Superfície Sobre Nós*. Posteriormente, apresento brevemente o trabalho que Vilas-Boas está fazendo no mundo online através de seu site. Por

fim, são feitas as considerações finais relacionando a trajetória de Vilas-Boas com os estudos sobre Jornalismo Literário no Brasil.

Vilas-Boas jornalista: o Jornalismo encontrando o escritor ao acaso

Com estilo reservado, Vilas-Boas não nega a origem. Nascido em Lavras, interior de Minas Gerais, no dia 18 de novembro de 1965, antes de completar um ano, ele muda-se com os pais para Belo Horizonte. Quando tinha sete anos, a mãe Wanda (hoje com 77 anos) e o pai Nelson Vilas-Boas (falecido em 2004, aos 65 anos), tiveram Carlos Henrique, irmão mais novo do futuro jornalista. Nos anos 1970, ele estudou em escolas públicas da capital mineira, que ofereciam um ensino de qualidade. Desde os anos iniciais, Sergio apresentava facilidade em aprender, porém, o desenvolvimento intelectual precoce resultava em dificuldades para se enturmar na escola. “Eu sofria bullying por não querer participar de brincadeiras idiotas como preparar armadilhas para alguém levar uma rasteira ou impedir o colega de entrar no ônibus puxando-o pela alça da bolsa tiracolo”³. Para evitar chamar a atenção dos outros, ele procurava negar o fato de entender o conteúdo com facilidade e tirar boas notas, como se essa postura fosse um defeito de personalidade. Hoje, depois de uma longa trajetória na profissão e na vida, Vilas-Boas declara que encara a sua personalidade como uma forma de autocontrole.

Antes de ingressar no curso de Jornalismo, Vilas-Boas cursou temporariamente outros três cursos: Engenharia, Economia e Sociologia, trabalhando ainda como bancário, topógrafo e projetista de redes de transmissão elétrica. Em 1989, aos 23 anos, Sergio ingressou no curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (atualmente, UniBH). “Virei jornalista meio que por acaso, e valeu a pena, mas fui

³ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/2018/04/08/senso-de-privacidade/>

abandonando a atividade pouco a pouco, ano a ano, sempre tentando abrir espaços para outros modos de vida”⁴, declarou em texto publicado em abril de 2018. O fato é que, assumidamente, Vilas Boas ingressou no curso de Comunicação Social com o objetivo de se tornar escritor: porém, sem saber exatamente por onde começar. Foi em 1989, também, que Sergio conheceu Patrícia de Paula Braga, que se tornaria namorada e esposa do jornalista-escritor. Os dois namoraram durante o curso e se formaram juntos em Jornalismo pela atual UniBH, em 1993. A esposa ele, inclusive, em entrevista ao autor, salienta Sergio, em todos esses anos, sempre foi divertido, engraçado e um grande companheiro.

Assim, o casal parte para Nova York, onde permanecem por cerca de um ano. A ideia do jornalista é escrever um romance sobre os brasileiros que moram na cidade mais cosmopolita do mundo. O texto acaba surgindo mais tarde, com a produção e publicação de *Os Estrangeiros do Trem N* (abordado novamente adiante), porém, o caminho até a construção da narrativa que ganharia o Prêmio Jabuti em 1998 foi árduo e longo. “A sensação de miudez elevava-se ao quadrado quando me lembrava que estávamos sobrevivendo com os 625 dólares mensais que Pati recebia como babá de duas meninas intratáveis”⁵. Assim como os personagens do romance, Sergio e Patrícia também partem para os Estados Unidos sem uma ideia muito clara de como vão sobreviver. O jornalista pediu demissão da Caixa Econômica Federal quatro meses e meio antes da viagem e boa parte do dinheiro do acerto evaporou com a superinflação da época enquanto o restante foi convertido em dólares. No mesmo texto, o jornalista revela que poderia fazer uma viagem de ida e volta por dia de Astoria (localizada no Queens) para Manhattan para a permanência

⁴ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/2018/04/01/alumbramentos-novos/>

⁵ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/narratives/astoria-queens-1994/>

do casal na Big Apple se tornar viável. “[...] onde quer que eu fosse, tinha de levar lanche na mochila – em geral um sanduíche de patê de atum e uma garrafa plástica com suco de laranja – como uma criança a caminho da escola”. Para poder viajar, Patrícia também pediu demissão de seu emprego como assistente de edição de um telejornal. Para completar, Vilas-Boas conta que às vésperas de embarcar, dois sujeitos arrombaram a janela do apartamento do casal e roubaram comidas e outros pertences de menor valor.

Aqueles moleques idiotas e famintos podiam ter feito um estrago considerável no nosso futuro se tivessem folheado livro por livro. Havia na biblioteca doze mil dólares em notas de cem e de cinquenta marcando as páginas da melhor e da pior literatura universal. Atingíramos esse montante não apenas poupando, mas também com a venda de um VW Gol e de uma linha telefônica residencial, que, na época, valia uma fortuna.⁶

A viagem e a produção do futuro livro vencedor do Jabuti foram salvos pela falta de curiosidade literária dos jovens assaltantes. Foi ainda em Nova York, já em 1994, que Vilas-Boas definiu que escreveria um romance com cunho autobiográfico. Pegando quase que diariamente o trem N que liga o Queens à Manhattan, e morando em Astoria (região com o maior número de imigrantes brasileiros em Nova York) surgiu o enredo e também o título da obra.

De volta ao Brasil, formado e com uma experiência internacional, chegou a hora de procurar emprego na área. Indicado pela esposa, Vilas-Boas foi se apresentar na redação do *Diário do Comércio*, em Belo Horizonte, onde foi recebido de forma amistosa pelo editor-chefe do periódico. Ao ser questionado sobre o que sabia fazer, o jornalista afirma: sei escrever. O editor, então, joga uma ducha de água fria no ânimo do novato: “Não! Isso é o que você pensa que

⁶ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/narratives/astoria-queens-1994/>

sabe fazer [...] Eu perguntei o que você sabe fazer”⁷. Sem saber muito bem o que fazer, ele ainda ouve do chefe: “‘Sua mulher falou muito bem de você. Ela acha você um gênio’, diz João Rafael zombeteiramente sério. Em seguida desfranze a testa e abre um sorriso maroto: ‘Mas eu não acho’”. E, assim, Vilas-Boas estreia no jornalismo, atuando no veículo que tinha o seu foco editorial em pautas de economia, negócios e gestão. Depois dessa experiência, Sergio também atuou como repórter especial e editor do suplemento cultural Fim de Semana *da Gazeta Mercantil*, em São Paulo.

Em 1997, no mesmo ano em que publica *Os Estrangeiros do Trem N*, Vilas-Boas ingressa no mestrado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (USP), que conclui em 2001. Um ano depois, ele ingressa no doutorado, conforme abordado no próximo item. O fato é que desse momento em diante, Sergio Vilas-Boas passa a ser três sujeitos em um único corpo: o jornalista, o escritor e o de pesquisador/professor.

Dessa mescla toda, que lhe garante a especialidade enquanto pesquisador e produtor de Jornalismo Literário e de Biografias, Sergio Vilas-Boas começa a sua produção de livros de não ficção em 2009 e, a partir de então, publicaria praticamente um livro por ano até o seu retiro de quase três anos em 2015.

Já sendo uma referência na área, Vilas-Boas publica em 2009 *Rumores do Silêncio: Uma Reportagem Sobre a Realidade das Hepatites B e Delta no Estado Amazônico do Acre* (VILAS BOAS, 2009). A obra é uma grande reportagem feita em conjunto com o fotógrafo Luciano Candisani, demonstrando a epidemia de hepatite B no estado do Acre, que se caracteriza por ser uma doença silenciosa. E o que Villas-Boas e Candisani buscaram foi revelar as vozes existentes por trás desse silêncio. O livro, bilíngue (português e inglês) possui uma característica

⁷ <http://www.sergiovilasboas.com.br/narratives/comecando-em-um-jornal/>

singular: ele foi diagramado similarmente ao formato de revista, com um diálogo harmônico entre fotografia e texto. “Captamos palavras, sensações e imagens com o intuito de realizar uma grande reportagem, como nos tempos em que escritor e fotógrafo percorriam o mundo e narravam suas vivências em jornais e revistas” (VILAS-BOAS, 2009, p.6).

Um ano depois, Vilas-Boas publica novamente um livro-reportagem em parceria com um fotógrafo: *Filhos da Ciência* (Vilas-Boas; Vicq, 2010), conta com fotografias de Ricardo Vicq. Na obra, o jornalista aborda os primeiros casais que recorreram a clínicas de reprodução assistida em São Paulo para realizar o sonho de ter filhos. Novamente a narrativa de fôlego, como faziam os americanos do *New Journalism* nos anos 1960 e 1970, caracteriza a produção.

Em 2012, o jornalista mineiro lança *Doutor Desafio: A História de Luiz Alberto Garcia, Empreendedor Interiorano Que Enfrentou Governos Militares e Competidores Globais*. Nessa biografia, o jornalista apresenta o “Doutor Luiz” (VILAS-BOAS, 2012), apelido de Luiz Alberto Garcia, que com diplomacia e tirocínio evitou que o governo militar (1964-1985) estatizasse a CTBC, empresa telefônica do biografado. Além disso, ele revela o conhecimento complexo do personagem que superou a grave crise financeira dos anos 1990, competindo com as transnacionais. Porém, muito mais do que mostrar uma biografia profissional do Doutor Luiz, Vilas-Boas apresenta a vida de um homem que tem personalidade forte e que sempre está pensando no futuro.

Em 2013, o jornalista coloca em prática novamente todo o seu conhecimento teórico sobre biografias ao lançar *Ivens Dias Branco: Simples, Criativo, Prático*. Nela, Villas-Boas teve que superar a introversão do biografado que, por ter essa personalidade, fez com que fosse despertado um sentimento de identificação por parte do jornalista, que, conforme abordado anteriormente, também teve que superar a timidez e introversão ao longo da vida. Superadas

essas dificuldades para interpretar o personagem e penetrar em sua alma (depois de 85 entrevistas no Brasil e no exterior), o jornalista apresenta uma narrativa jornalístico-literária envolvente para revelar quem é o empresário cearense que, em 1953, com apenas 19 anos, começou a trabalhar na padaria de seu pai, Manuel, imigrante português, para a partir de então construir um dos maiores complexos industriais da América Latina no setor de massas alimentícias e biscoitos (VILAS-BOAS, 2013). Além disso, o biografado expandiu os seus negócios para outros setores, como o hoteleiro e construções.

Uma curiosidade sobre essa produção, é que todo o livro nasceu a partir de um trabalho prestado pela empresa de Ivens Dias Branco. Assim, a pesquisa, as entrevistas e a escrita foram pagas pelos filhos do empresário, que viabilizaram o processo todo financeiramente. Assim, foi assinado um contrato em que ficaram definidas questões de estilo e sigilos da família. Ivens Dias Branco teve cinco filhos e todos são gestores do primeiro escalão nas empresas do grupo. Concluído esse serviço é que Vilas Boas ajudou a família a transformar o material em livro, apresentando orçamentos de três editoras e de projeto gráfico. Essa "licitação" teve como vencedora a Editora Manole, que publicou a obra, sendo lançada em primeiro de maio de 2013 em um evento para quase três mil pessoas em Fortaleza (CE). Pouco tempo depois, em junho de 2016, Ivens Dias Branco veio a falecer.

Em 2014, Vilas-Boas publica o livro *Perfis: o Mundo dos Outros - 22 Personagens e 1 Ensaio*, em que são reunidos textos biográficos publicados em jornais, revistas e livros pelo autor entre o período de 1999 e 2014. O marco dessa obra é a sensibilidade, que apresenta com estilo literário vinte e dois personagens em textos que revelam a personalidade e a complexidade de cada um deles. Ao final do livro, o autor ainda incluiu um ensaio intitulado *A Arte do Perfil*, em que reflete a teoria e prática de seus 25 anos de carreira.

Vilas-Boas acadêmico: uma referência na pesquisa e na docência

Antes de mergulhar de cabeça no mundo acadêmico, Sergio Vilas-Boas tem uma preparação de luxo: ele escreve e publica em 1996 o livro *O Estilo Magazine* – O texto em Revista, lançado pela Summus Editorial. Na época, poucas obras se dedicavam ao texto de revista e a iniciativa de Vilas-Boas acabou colocando-o no rol de autores referência no Brasil – sendo que tal obra ainda é utilizada nos cursos de Jornalismo do país atualmente. Como ressalta o editor João Henrique de Faria na apresentação: “Com a facilidade de quem está familiarizado com o ato de escrever, o autor transmite sua mensagem didático-acadêmica com extrema acessibilidade, como se fosse mesmo um texto de revista” (VILAS-BOAS, 1996, p.7-8).

Na obra, Vilas-Boas apresenta todo o processo de produção de uma revista, desde a elaboração de um projeto, até às características e estilos. Além de abordar o tema Jornalismo de revista em toda a sua complexidade e amplitude, o autor também antecipa o que estava por vir com o surgimento das novas tecnologias: “As revistas semanais, independentemente das embalagens, também entenderão que a competição tecnológica (e plástica) exigirá qualidade em todos os sentidos: gráfica, técnica, artística, visual e de texto” (VILAS-BOAS, 1996, p.107). Exigência, essa, primordial na contemporaneidade.

O faro para a pesquisa, apresentado já nesse primeiro livro, fez com que Vilas-Boas ingressasse no mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) em 1997, obtendo o título de mestre em 2002. Orientado pelo Professor Dr. Edvaldo Pereira Lima, Vilas-Boas escreveu a dissertação *Páginas da Vida: A Arte Biográfica e Perfis*, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Antes de ingressar no doutorado, o jornalista lança o seu segundo livro acadêmico,

Biografias & Biógrafos – Jornalismo Sobre Personagens, publicado novamente pela Summus de São Paulo. As pesquisas e o livro de Vilas-Boas sobre biografia acabam o colocando na lista de principais referências sobre a temática no campo jornalístico e no Jornalismo Literário do Brasil. Nesse livro, que tem base na sua tese de doutorado, Vilas-Boas analisa três biografias escritas por jornalistas: *Chatô: o rei do Brasil*, de Fernando Morais; *Mauá*, de Jorge Caldeira; e *Estrela solitária*, de Ruy Castro. “Ponto pacífico que biografia é o biografado segundo o biógrafo. Em outras palavras, um trabalho autoral” (VILAS-BOAS, 2002, p.12), esclarece o autor já na introdução.

A temática encanta Vilas-Boas que segue a sua pesquisa no doutorado, também realizado na USP e novamente com orientação de Edvaldo Pereira Lima. Em entrevista ao autor, Vilas-Boas ressalta que Pereira Lima o deixou livre para desenvolver a pesquisa, fazendo apenas algumas intervenções de conteúdo e de adequação ao protocolo universitário. Mesmo sendo uma referência na academia, Vilas-Boas destaca que sempre teve um estilo não muito formal. “Eu sou muito informal, diria ‘anti-cerimonioso’, e a academia (ainda) não é assim. É um lugar onde os recém-chegados precisam mostrar certa prudência” (RITTER, 2018⁸). Assim, em 2006 Vilas-Boas tem a tese intitulada *Metabiografia e Seis Tópicos para Aperfeiçoamento do Jornalismo Biográfico* defendida e aprovada, tornando-se doutor em Ciências da Comunicação pela USP. A pesquisa deu a base para a publicação de seu terceiro livro acadêmico, que teve o lançamento de uma segunda edição em 2014: *Biografismo: Reflexões Sobre as Escritas da Vida*. O texto, escrito em estilo ensaístico e filosófico, discute os diferentes e novos modos de ler, criticar e praticar a biografia no Brasil (VILAS-BOAS, 2014). A obra aborda desde reflexões

⁸ Disponível em: <http://orebate-eduardoritter.blogspot.com.br/2018/04/>

sobre biografias publicadas até técnicas que reúnem métodos e servem de guia para biógrafos contemporâneos.

Antes da obtenção do título e da publicação de um dos principais livros sobre biografia do país, no entanto, Vilas-Boas começa a sua trajetória de professor universitário, ingressando no corpo docente do Centro Universitário Sant'Anna (UNI-SANT'ANNA), em São Paulo. Destarte, nessa etapa da vida ele estava produzindo a pleno vapor nas quatro áreas profissionais que o consagrariam nacionalmente: escritor, jornalista, pesquisador e professor. Em 2006, Vilas-Boas desce para o Sul do Brasil para compartilhar os seus conhecimentos principalmente em Biografias e Jornalismo Literário no Centro de Ensino Superior de Blumenau (CESBLU), em Santa Catarina, ministrando aulas do curso de especialização de Jornalismo Literário da ABLJ, coordenado pelo professor Edvaldo Pereira Lima. No mesmo ano, ele passa a lecionar na Faculdade Integrada Metropolitana de Campinas (METROCAM), no interior do estado de São Paulo. Além destas, Vilas-Boas também ministrou aulas nas seguintes instituições: Faculdade Cásper Líbero (São Paulo), Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Universidade de Uberaba e Instituto Superior de Educação Vera Cruz.

Em meio a todos esses compromissos, Vilas-Boas também participou da Fundação da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), exercendo o cargo de diretor entre os anos de 2005 e 2011 e integrando a diretoria desde 2003, tornando-se o editor da publicação Texto Vivo - Narrativas da Vida Real, além de ministrar aulas e cursos sobre Jornalismo Literário, Biografia, Narrativa de Viagem, Documentário, dentre outras temáticas relacionadas ao JL.

Um dos trabalhos de destaque na entidade, no entanto, foram as aulas do curso de pós-graduação *lato sensu* em Jornalismo Literário. De 2006 a 2011,

Vilas-Boas orientou mais de 150 trabalhos de conclusão de curso de alunos que passaram pela pós-graduação da ABJL. Parte desses frutos colhidos foi publicado no livro *Jornalistas Literários – Narrativas da Vida Real por Novos Autores Brasileiros*, lançado pela Summus Editorial em 2007. Nessa obra, são publicadas reportagens literárias de 16 autores, com as temáticas variando desde a biografia do jornalista Marcos Faerman, passando por jogos de futebol na rua, até moradores de um sítio que recebe e dá suporte a portadores do vírus HIV. Ou, como destaca o professor e organizador da coletânea: “São histórias encantadoras, honestas, corajosas, sem pieguices nem disfarces” (VILAS-BOAS, 2007, p.8).

Outro trabalho desenvolvido por Vilas-Boas ainda na ABJL que merece destaque por se tornar uma referência do JL, foi a publicação do livro *Jornalismo Literário – Um Percurso Filosófico*. O livro, publicado em 2008, foi lançado pela Texto Vivo Edições e serve até hoje como obra introdutória e conceitual sobre a temática. Nela, Vilas-Boas apresenta os principais conceitos, conta um pouco da história, apresenta as características e reflete sobre as relações entre Jornalismo e Literatura, que frequentemente causam polêmica nas discussões sobre os dois campos. Como ressalta o autor na apresentação da obra, o texto foi escrito objetivando orientar filosoficamente os alunos ingressantes no curso de Pós-Graduação em Jornalismo Literário da ABJL, porém, acabou se tornando uma obra consultada por pesquisadores de JL em geral. Na obra, logo nas primeiras páginas, o autor apresenta a sua definição para o JL:

O que é **Jornalismo Literário**? Reportagem ou ensaio em profundidade nos quais se utilizam recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Também conhecido como **Jornalismo Narrativo**. Pilares que sustentam esse tipo de produção: humanização, imersão, exatidão, autoria, estilo e criatividade. Outras características

(técnicas) marcantes: uso de metáforas, digressões, monólogos interiores, fluxos de consciencia, diálogos, descrições minuciosas etc (VILAS-BOAS, 2008, p.10).

A publicação desta obra e o seu trabalho no curso de pós-graduação colocam Vilas-Boas cada vez mais como uma referência do JL no Brasil. Porém, apesar do trabalho desenvolvido por cerca de cinco anos na pós da ABJL, o jornalista e professor avalia que há uma dificuldade contemporânea para que autores novatos abram mão de situações cômodas para saírem da zona de conforto na busca por boas histórias. Ao contrário do que ele e a namorada fizeram no início dos anos 1990, largando tudo para se aventurar nos Estados Unidos em busca de boas histórias, uma parte considerável dos estudantes, hoje, não fazem sacrifícios pessoais em nome de uma grande (e boa) reportagem. De acordo com Vilas-Boas, a maioria dos alunos que passou pelas suas mãos no curso de pós-graduação que estão fazendo “sucesso” estão se destacando justamente como professores. “Alguns deles como professores daquele mesmo tal Jornalismo Literário que os ensinei durante dez anos. Não é por falta de talento para a escrita não. Conheci alguns bastante talentosos” (RITTER, 2018⁹), destaca. Segundo ele, o principal problema é que a maioria dos estudantes “não estão dispostos a enfrentar a dureza que é ser autor de narrativas no Brasil”, ou seja, faltam-lhes o entusiasmo e o descabimento necessários para se tornar um grande autor de JL.

Para além da trajetória já apresentada, enquanto pesquisador, Sergio Vilas-Boas organizou a coleção *Formação & Informação*, da Summus Editorial, que contou com a publicação de outras quatro obras: *Formação & Informação Ambiental*, *Formação & Informação Esportiva*, *Formação & Informação Econômica* e *Formação & Informação Científica*, sendo que a primeira foi

⁹ Disponível em: <http://orebate-eduardoritter.blogspot.com.br/2018/04/>

publicada em 2004 e as três últimas em 2005. Além das obras já mencionadas, Vilas-Boas também contribuiu publicando capítulos em 16 livros da área e compartilhando dezenas de ensaios e artigos em revistas acadêmicas. Destaca-se, nessa produção, o texto de introdução ao livro *Literatura e Jornalismo* organizado por José Domingos de Brito. Nesse texto, Vilas-Boas apresenta algumas considerações sobre o JL, tomando emprestado, inclusive, uma expressão bem gaúcha que não passa despercebida na leitura de um gaúcho sobre a “fala” de um autor mineiro: “Comparações, termos, conceitos, bah!, quão ridículo também podem ser certos estudos, não? Nesse campo de fusões e confusões, o melhor é se manter maleável [...]” (VILAS-BOAS, 2007, p.21), afinal, sobre Jornalismo e Literatura e as convergências entre ambos esse autor complexo e enigmático entende bastante.

Vilas-Boas ficcionista: quando a realidade imita a literatura

Seguindo a mesma trilha de inúmeros escritores que entraram no Jornalismo na perspectiva de se tornar escritor, Vilas-Boas partiu rumo a realização do sonho logo depois de se formar em 1993. Conforme abordado, a viagem para os Estados Unidos teve esse objetivo e, conforme salienta o próprio autor, da vaga ideia surgiu a temática para um romance premiado: “Na época (início dos anos 1990), eu não conhecia muito bem esse gênero [Jornalismo Literário] e seus conceitos¹⁰”, ressaltou em depoimento. Assim, ele utilizou diversas entrevistas realizadas com brasileiros que viviam em Nova York para escrever o seu texto ficcional baseado na sua experiência, até porque, conforme destaca, ele ainda não tinha muita ideia sobre como proceder para escrever um livro reportagem.

¹⁰ Disponível em: <http://orebate-eduardoritter.blogspot.com.br/2018/04/>

Destarte, no prólogo da obra, Vilas-Boas deixa claro como se deu o processo de produção do romance que, se não fossem algumas criações específicas, poderia ser considerado um livro-reportagem. No total, o jornalista entrevistou mais de 100 imigrantes brasileiros que viviam em Nova York de setembro de 1993 até outubro de 1994. “Contei também com livros, recortes de jornais, revistas, Internet, fotografias, debates, programas de TV” (VILAS-BOAS, 1997, p.9). Ou seja, Vilas-Boas fez o mesmo trabalho de pesquisa documental, de entrevistas e de exploração de suas próprias memórias que outros escritores utilizaram para escrever seus romances como, por exemplo, Erico Verissimo que, conforme mostro em *A Tribo Jornalística de Erico Verissimo* (RITTER, 2016), valeu-se da sua experiência no jornalismo para adotar essas técnicas na criação de sua ficção.

Todo esse trabalho de pesquisa deu um caráter verossímil à obra, ou, nas palavras do autor, dá a impressão de uma “realidade pressentida e/ou vivenciada, num processo peculiar de leitura e reinterpretação” (VILAS-BOAS, 1997, p.9). Além disso, ele salienta no prólogo que o nome dos personagens e alguns lugares foram alterados para evitar exposições. No entanto, o processo criativo de invenção de cenas, diálogos e destinos desses personagens reais, dão um caráter ficcional para a obra. “Há portanto na ficção o apelo à imaginação, o deslocamento da realidade objetiva para a realidade subjetiva, afetiva e significativa – deslocamento esse só possível pela ambiguidade do texto e pelo uso da metáfora” (COSTA, 2002, p. 24). No caso, Vilas-Boas salienta que no enredo de seu livro mudou a trajetória de alguns personagens entrevistados, como Angél, um dos protagonistas do romance e que no final é encontrado pelo personagem-narrador (o jornalista Paulo) como mendigo pedindo esmola no metrô nova-iorquino. Aliás, sobre os dois personagens principais da narrativa, o jornalista comenta: “Angel existiu, era (ou é, não sei

dizer) catarinense de fato, mas o final da história foi totalmente inventado. Plínio existiu, era (ou é, não sei dizer) mineiro e a história dele transcorreu sempre paralela à realidade” (RITTER, 2018). Além disso, ele salienta que, metodologicamente, o processo de construção do romance foi bastante intuitivo:

“Os Estrangeiros...” ainda era uma ideia vaga; o tema imigração, gigantesco; meu método de trabalho, intuitivo, para não dizer amador. A mente continuava atravessada pelo Mal do Ocidente, doença silenciosa que afeta todos aqueles que vislumbram o futuro antes de viver o presente. Vislumbres de sucesso e consagração desviavam-me constantemente do essencial (VILLAS-BOAS, 2018).¹¹

Apesar disso, é possível perceber diversas técnicas narrativas utilizadas pelo autor na constituição do romance. Uma dessas técnicas é a mudança do ponto de vista, pois ele aborda algumas vezes períodos cronológicos iguais sob a perspectiva de diferentes personagens. “Um romance pode apresentar o mesmo acontecimento sob diferentes perspectivas – mas apenas um de cada vez” (LODGE, 2011, p.36). Outra característica da ficção, apresentada por Lodge (2011), mas que também é aplicável à histórias reais, é o elemento surpresa. “[...] a mudança súbita de um estado de coisas para o seu oposto, muitas vezes combinada com o *reconhecimento* – a passagem da ignorância ao conhecimento” (LODGE, 2011, p.80). Isso acontece, por exemplo, quando o leitor sabe que o personagem Angél está em uma prisão americana e que ele vai acabar escapando. No entanto, a narrativa não oferece brechas para o leitor conseguir antecipar como foi a pré-anunciada fuga. Essa ação só é revelada no momento certo, no depoimento do próprio fugitivo, ao jornalista narrador e alterego do autor, Paulo Monfort:

¹¹ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/narratives/astoria-queens-1994/>

Foi uma fração de segundos, magrão. Eu não existia ali, naquela misturada de gente. Aquela hora. Por isso ninguém deu bola para mim. Aí eu dei no pé. Passei assim, andando depressa. Mas sem correr. *Vupt*. Debaixo da cancela. Tava na rua. Livrinho, magrão! Livrinho (VILAS-BOAS, 1997, p.144).

Aliás, a narrativa é envolvente por haver muitas surpresas como essas durante todo o texto. Obviamente uma análise narrativa poderia ser feita da obra, porém, como esse não é o objetivo deste artigo, cito apenas esses breves exemplos de técnicas magistralmente utilizadas por Vilas-Boas no livro que foi o vencedor do Prêmio Jabuti de 1998, o principal de literatura do país. No entanto, o fato de ter vencido tal premiação na categoria Reportagem, mostra a hibridez da obra, que oscila entre a Literatura e o Jornalismo. Se interpretada tal texto como uma narrativa de viagem, ela poderia ser considerada mista, na proposta de classificação de Martinez (2016), que sugere narrativas de viagem ficcionais, não ficcionais e mistas (que mesclam elementos das duas categorias anteriores). Entretanto, ressalta-se que a classificação do referido livro como ficção ou reportagem, não é objetivo deste estudo. Biograficamente falando, ainda antes de vencer o Jabuti, o jornalista foi entrevistado no programa Jô Soares Onze e Meia, que era exibido no canal SBT na época.

O talento de Vilas-Boas mostra que ele soube desde esse primeiro romance explorar o seu conhecimento tanto sobre literatura quanto sobre jornalismo. Independente do gênero, ele apresenta nessa, e em outras obras, um domínio claro sobre o texto e o tema acerca da qual está escrevendo. "Somente o domínio profundo do texto permite o exercício da comunicação pelas entrelinhas" (MACHADO DA SILVA, 2002, p. 47). Dessa maneira, novamente vale ressaltar a verossimilhança como um dos elementos mais presente na narrativa de Vilas-Boas, deixando-a, de certa forma, relacionável

com o jornalismo, mesmo sendo considerada ficção pelo próprio autor do romance. “O jornalismo, como construção de texto, precisa falar do verdadeiro, sem falsidade, mas com verossimilhança” (MACHADO DA SILVA, 2002, p. 47).

Depois de quase duas décadas dedicadas quase que exclusivamente à pesquisa, à docência e ao jornalismo (especialmente o JL), em 2015 Vilas Boas volta a publicar um romance. Porém, diferentemente de *Os Estrangeiros do Trem N*, dessa vez ele não chega a fazer uma série de entrevistas para compor a narrativa. O livro, apesar de ser caracterizado por alguns resenhistas e críticos literários como um romance que tem em seu cerne a reflexão sobre o uso das novas tecnologias e o conflito de gerações, na minha leitura é muito mais uma história de amizade e tentativa dos personagens encontrarem o seu lugar no mundo, tanto geograficamente, quanto espiritualmente – tal como acontece com o seu autor.

A história narra a trajetória de vida e o encontro de dois personagens com uma grande diferença de idade: o narrador Hugo, um jovem de 18 anos, que conhece Jaime, um homem de 44 anos. A amizade começa a partir de uma greve no jornal em que ambos trabalhavam e, após um encontro por acaso em um bar, os dois se tornam amigos e, na medida em que vão ficando mais velhos dialogando, eles vão refletindo sobre a vida que, claro, também tem uma dose de influência da popularização e massificação das novas mídias.

Em entrevista, Vilas-Boas informou que, se fosse quantificar o grau de autobiografismo dos personagens, ele classificaria: Jaime 70% e Hugo 10% (RITTER, 2018). Um exemplo disso é que, tal qual acontece com o personagem Jaime, Vilas-Boas também perdeu o pai devido a um acidente vascular cerebral (AVC) e enfrentou o câncer de sua esposa. A diferença, porém, é que enquanto Patrícia superou a doença, Jaime ficou viúvo. Além disso, várias reflexões apresentadas no romance tem um cunho fortemente biográfico, afinal, Vilas-

Boas também já morou nos Estados Unidos e, atualmente, reside na Europa e adora viajar. “As viagens nos dão conhecimento. São o único bem realmente durável entre o monte de tranqueiras que nos pressionam a possuir. Em uma viagem bem viajada, buscamos em outras cultura aquilo que nos fascina dignifica” (VILAS-BOAS, 2015, p.123).

Por outro lado, Hugo parece ser o contraponto particular de Jaime e de Vilas-Boas, não entendendo muito bem o estilo de vida do amigo e do criador. O camarada mais velho passa a ser tratado como um enigma, exatamente como a vida e pensamento de Vilas-Boas se apresenta para os seus leitores. E, tentando conhecer melhor Jaime, Hugo descobre alguns segredos como, por exemplo, uma tese de doutorado que está escondida em uma prateleira da fictícia USB. Assim, aos poucos, Hugo vai entendendo Jaime, no mesmo sentido que, o leitor iniciante, vai compreendendo o ponto de vista e a visão de mundo de seu autor na medida em que vai devorando a sua obra.

Outro ponto alto do romance é quando o seu autor faz uso da tragicomédia, pois Jaime escreveu a sua tese, porém, não a defendeu e, de certa forma para não jogar o trabalho fora, colocou um exemplar na biblioteca da universidade. Entretanto, a não defesa de Jaime, após um ex-amigo e entrevistado para a sua pesquisa acusa-lo para a banca de falta de ética, acontece devido ao nervosismo do então doutorando. Após tomar tranquilizantes e um copo de conhaque para se acalmar e conseguir pegar no sono, ele literalmente “desligou a chave geral” e não levantou no outro dia.

Imaginem a cara dos membros da banca – ah, eles/elas, sempre tão ocupados com seus umbigos, desmarcaram compromissos importantes para estar ali, enfrentaram um trânsito insano para estar ali, consumiram partes de suas vidas altamente relevantes para levar suas brilhantes questões até ali... (VILAS-BOAS, 2015, p.136).

Porém, ao invés de contatar novamente a orientadora e a universidade, pois o sonho dele era obter o título de doutor e passar em um concurso para professor para ter uma vida econômica e pessoal estável, ele simplesmente sumiu. “‘Nunca dei notícias’, Jaime revelou-me na sala de estar de seu apartamento, misturando o açúcar do café. ‘E em seguida me mudei para São Paulo, anônimo. E me encontrei, e me perdi, e me encontrei de novo’” (VILAS-BOAS, 2015, p.136).

Assim, com esse passado escondido, com dificuldades financeiras e com a mulher sofrendo um câncer agressivo, Jaime resolve se mudar para uma pequena cidade rural dos Estados Unidos, onde leva uma vida sem muito contato com o mundo exterior. Quando vai visita-lo, Hugo sofre de uma verdadeira crise de abstinência das tecnologias. Entrementes, quando comparece ao trabalho de Jaime e volta a ter acesso à internet, ele praticamente tem um orgasmo espiritual: “Que alívio! Vადiei pelo mundo o dia inteiro. Postei imagens, curti páginas e *posts*, pesquisei produtos e serviços, esponjei tudo sobre o Bethel Center” (VILAS-BOAS, 2015, p.180).

Já em outro momento, refletindo sobre a postura de Jaime, que se refere à sua cidade natal como “aquela cidade” e ao Brasil como “aquele país”, Hugo apresenta a leitura que faz da atitude do amigo:

Ele realmente acreditava que não só havia superado suas carências materiais e afetivas, como fizera o que todas as pessoas gostariam de fazer: deixar para tras a merda de vida que são obrigadas a viver, e da qual não conseguem se desfazer e por isso são o que são (VILAS-BOAS, 2015, p.156).

Esse trecho, de certa forma, é mais um com um viés autobiográfico, pois em entrevista Vilas-Boas disse que não sente falta do Brasil, mas sim, de algumas pessoas que aqui ficaram.

Quando vim para cá, estava infeliz com os meus confortos: morava em um bairro tradicional e elegante (Higienópolis), em um bom apartamento (muito bem localizado e suficientemente grande para mim, Patrícia e nossos gatos); de vez em quando recebia convites para escrever livros pré-pago (patrocinados) por valores às bem razoáveis; e tinha acabado de pedir demissão da Faculdade Cásper Líbero (RITTER, 2018).¹²

Além disso, Vilas-Boas salienta que tudo indicava que ele havia atingido um ponto em que ou mudava a sua vida ou seria consumido pouco a pouco pelo sentimento de estagnação. “Ou que, por outro lado, o meu futuro no curto e médio prazos era nada menos que uma folha em branco, à qual podia preencher como eu quisesse” (RITTER, 2018). Assim, Vilas-Boas programou realizar um pós-doutorado em Nova York, porém, após o impeachment (estopim para o golpe político de Michel Temer) ser aprovado pelo Congresso os processos seletivos do CNPQ foram cancelados. “Aí fiquei completamente perdido. Eu não tinha Plano B. E o país, por sua vez, cavando buracos cada vez mais no fundo do poço com uma gigantesca broca babando ódio...” (RITTER, 2018), avaliou em entrevista.

Diante disso, na visão de Vilas-Boas e na minha também, o Brasil passou a ser a mesma imensidão sombria e depressiva do final dos anos 1980, que levaram os personagens Plínio e Angél a deixarem o país. Só que dessa vez quem resolveu partir foi ele, o próprio autor, Sergio Vilas-Boas, mudando-se para a Itália (pois ele tem cidadania italiana), sendo acompanhado pela esposa e a gata Filó.

Da Europa, Vilas-Boas conta que está se mantendo trabalhando três vezes por semana para uma multinacional que administra apartamentos de luxo

¹² Disponível em: <http://orebate-eduardoritter.blogspot.com.br/2018/04/>

em várias cidades do continente, incluindo Roma, Milão e Florença. Então, ele recebe turistas do mundo inteiro e os encaminha para os apartamentos, dando-lhes boas vindas e explicando como funciona a cidade, além de fazer o trabalho burocrático de cobrar taxas de turismo cobrado pela prefeitura. Pode-se dizer que, mesmo que em um primeiro momento o leitor pense que esse serviço não tem nada a ver com literatura, tal rotina acaba lhe dando mais material para boas histórias, pois são diversas pessoas diferentes vindas de todas as partes do mundo. Para além disso, Vilas-Boas também está trabalhando na segunda edição da biografia do empresário Ivens Dias Branco e apresentando serviço de consultoria literária e de tradução inglês-português e italiano-português.

De certa forma, pode-se afirmar que Vilas-Boas dessa vez fez o processo criativo inverso ao do Jornalismo Literário: ele primeiro criou na ficção a trajetória do personagem autobiográfico que deixou o país para tentar se reencontrar no exterior para, depois, ter de certa forma o mesmo destino, guardadas as devidas proporções e diferenças de vida e de trajetória entre criador e criatura.

Vilas-Boas cronista: um escritor digital

Além do sucesso que faz como pesquisador, professor, jornalista e escritor, Vilas-Boas também tem se destacado em outro tipo de produção: a crônica. Como define um dos especialistas no assunto, a crônica é: “uma soma do jornalismo e literatura (daí a imagem do narrador-repórter)” (DE SÁ, 1987, p. 5), ou seja, não chega a ser uma reportagem jornalística, tampouco é um conto de ficção. Aliás, como bem define um dos principais teóricos da Comunicação e do Jornalismo no Brasil, a crônica é um fenômeno tipicamente brasileiro, “não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países” (MARQUES DE MELO, 1994, P. 145).

No entanto, ao invés do jornal impresso, Vilas-Boas tem apostado na produção online, afinal, como aponta o seu orientador Pereira Lima (2011, p.181): “o que a maioria dos homens e mulheres brasileiros que ocupam cargos de poder na mídia hoje não sabem é que diariamente os jornais estão perdendo leitores”¹³. Assim, desde 2008 Vilas-Boas mantém no ar o site <http://www.sergiovilasboas.com.br>. Em entrevista, ele destaca que o site foi criado para que as pessoas pudessem ter acesso à sua produção e às informações corretas a seu respeito. No entanto, logo que voltou de seu período de abstenção de produção literária, Vilas-Boas está escrevendo regularmente um texto por domingo, sempre com um tema relacionado à psicologia e associado com alguma vivência pessoal do autor.

O tom claramente pessoal é facilmente perceptível nos textos online de Vilas-Boas. Em *Caro Jovem Escritor*, por exemplo, escrito quando ele estava com 45 anos, o jornalista-pesquisador-escritor-professor salienta que considerava-se um jovem escritor, afinal, seu ingresso no curso de Jornalismo ocorreu quando ele já era um meio-adulto. “Desde então não parei de escrever: crônicas, reportagens, ensaios, teses, contos e romances. Apesar de mais de duas décadas de produção e publicação, estou certo de que ainda não dei o melhor de mim”¹⁴. Porém, o que teria feito Vilas-Boas mudar de ideia poucos anos depois da publicação desse texto para ficar dois anos na inatividade literária?

O próprio Vilas-Boas responde no subtítulo do texto *Dois Anos de Jejum*: “Não consegui continuar fazendo coisas nas quais deixei de acreditar, daí optei por me retirar de cena, por um tempo”¹⁵. Por mais que, em uma leitura superficial, esses dois textos não dialoguem, há muito sobre esses dois Sergios que revelam a sua personalidade e a sua trajetória: o primeiro, que está focado

¹³ Tradução livre.

¹⁴ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/thinking/caro-jovem-escritor/>

¹⁵ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/2018/04/01/alumbramentos-novos/>

expondo aos leitores os mistérios da criação literária, e o segundo, em que o autor está se posicionando de certa forma cético e crítico quanto à profissão e à utopia de produzir “a grande obra”, seja ela da literatura ou do jornalismo. Enquanto o primeiro Sergio destaca que se agarra com unhas e dentes a uma ideia, provocando um *insight* que a encorpe para escrever os seus mais variados tipos de textos, o segundo salienta que virou jornalista por acaso, mas que abandonou a atividade pouco a pouco, sendo que o mesmo aconteceu com a trajetória de professor/pesquisador e que o “único objetivo que atravessou com alguma constância pelo menos metade da minha vida foi o de me tornar escritor. E aconteceu, e também valeu a pena”. E, então, a minha interpretação é que esse jejum de quase três anos, de certa forma serviu para que o segundo Sergio recarregasse os ânimos e a energia do primeiro Sergio (por mais que o Sergio real possa vir a negar isso). E, de certa forma, ambos os Sergios continuam sendo jornalistas, professores, pesquisadores e escritores. Mesmo que em textos mais curtos publicados apenas aos domingos. Afinal, neles Sergio Vilas-Boas continua apurando, narrando, ensinando, pesquisando e escrevendo.

Isso fica fácil de ser observado nos dois textos citados (um pré e outro pós retiro). No primeiro (pré-retiro) ele dá as dicas explicitamente aos leitores que pretendem se tornar escritor, publicando frases como:

Claro que você precisa ficar atento ao que os bons escritores dizem ou escrevem, sem jamais se esquecer de que os bons escritores não necessariamente são os mais famosos ou os que vendem mais. Siga aqueles cuja qualidade você aprendeu a confiar, ou aqueles que lhe foram indicados por gente que você confia. Acompanhar a produção e o pensamento dos nossos pares é importantíssimo. Estudar também. Estudar literatura, claro, como não?¹⁶

¹⁶ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/thinking/caro-jovem-escritor/>

Já no segundo, como um especialista em literatura e jornalismo literário, o ensinamento fica nas entrelinhas:

Fechei um acordo inédito com o Universo. Um pacto de duas cláusulas, na verdade: 1) Nasci para os desafios que se renovam, estejam onde estiverem, mas não para repetir esforços em nome de uma estabilidade sempre falsa; 2) O ato de escrever despretensiosamente é um poderoso anticorpo contra a depressão e o estresse deste mundo vago, fútil e cada vez mais exaltado (no mal sentido). That simple!¹⁷

Exatamente isso e simples assim. Sergio-Vilas Boas já produziu e continua produzindo textos e obras que continuam sendo referência para jornalistas, acadêmicos, professores, jornalistas literários, cronistas, romancistas, enfim, qualquer pessoa que aprecie um belo texto e boas histórias (biográficas, autobiográficas, ou não). E, para a sorte de todos e o bem geral da nação (principalmente da nação “daquele país”) o retiro e o afastamento da produção textual e literária foi temporário. Pelo menos até a próxima saída de cena desse autor tão bom, quanto enigmático.

Considerações finais

Sergio Vilas-Boas é um jornalista literário completo. Enquanto jornalista, produziu obras de fôlego e de muita qualidade que são referência, seja no seu texto que mescla ficção com reportagem *Os Estrangeiros do Trem N*, seja nas biografias produzidas sobre personagens reais, ou ainda em suas crônicas publicadas em seu site. Já como pesquisador, Vilas-Boas é uma das principais referências sempre que se fala em JL e, mais especificamente, em biografias. As suas pesquisas de dissertação e tese, depois adaptadas para o formato livro, são exemplos disso.

¹⁷ Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/2018/04/01/alumbramentos-novos/>

O mesmo vale para tudo o que ele desenvolveu nessas mais de duas décadas de trajetória e, especialmente, pelo seu trabalho a partir da co-fundação da ABJL. Aliás, o livro *Jornalismo Literário – Um Percurso Filosófico* é um dos mais didáticos materiais produzidos sobre a temática no Brasil. De sua participação na ABJL, estende-se o destaque de Sergio atuando na docência, onde não apenas ensinou os meandros da profissão, do JL, da reportagem, do texto, da narrativa, do processo criativo etc, mas também transmitiu muito sobre caráter, ética, amizade e todas as qualidades que um professor pode almejar para além do conhecimento. Além disso tudo, Vilas-Boas foi/é um grande ficcionista. A prova disso, muito mais do que a conquista do prêmio Jabuti de 1998 com o genial *Os Estrangeiros do Trem N*, é a publicação de seu segundo romance, *A Superfície Sobre Nós*, que aborda todos os pilares da sociedade moderna: os relacionamentos sociais com e sem tecnologias, os sentimentos, as angústias, alegrias, frustrações e êxtase a que somos submetidos intencionalmente ou por acaso todos os dias de nossas vidas. E, todos os que já tiveram o prazer de segurar e ler alguns dos livros assinados por Sergio Vilas-Boas torcem para que outros romances estejam por vir (por mais que ele garanta que não vá publicar mais nada impresso), pois mesmo imitando a sua própria ficção, deixando o país para viver uma vida tranquila no exterior, os seus comentários, criações, invenções, reflexões, imersões na psicologia humana etc inspiram e cativam todos os tipos de leitores.

O mesmo vale para as obras de JL de Sergio, afinal, como ressalta Monica Martinez (2016, p.23) esse “é um campo de estudo inesgotável, profundo e interessante”, seja na pesquisa ou na produção com “pé no barro”, conforme salienta a mesma autora. Afinal, tanto na pesquisa quanto no JL, muitas vezes o mais prazeroso para autor e leitor não é o ponto de partida nem o ponto de chegada da narrativa, mas sim, o que está no meio. “Certas coisas da vida

(simples ou complexas) se tornam encantadoras pelo prazer do trajeto, não pelo foco no destino” (VILAS-BOAS, 2007, p.20).

Nesse mesmo sentido, creio que comigo ocorreu o mesmo na produção desse artigo. Eu tinha um ponto de partida: escrever um texto tratando de Sergio Vilas-Boas e Jornalismo Literário. Eu tinha um ponto de chegada almejado: apresentar um texto de qualidade (será que consegui?) sobre a temática proposta. Porém, pelo menos de minha parte, o mais prazeroso foi rever algumas obras do Sergio que eu já conhecia e que estavam aqui na estante de minha pequena biblioteca, tais como os já mencionados *Os Estrangeiros do Trem N*, *Jornalismo Literário – Um Percurso Filosófico*, *O Estilo Magazine* etc, bem como a primeira leitura de seu último livro de ficção, *A Superfície Sobre Nós* e de muitos textos de seu site.

Escrevendo esse artigo, muito mais do que reforçar a importância da trajetória e da obra de Sergio Vilas-Boas para o Jornalismo Literário, descobri que ele é uma pessoa discreta e acessível, simpática, enigmática e complexa (no melhor sentido do termo). Foram alguns e-mails trocados, vídeos assistidos e muitas leituras que me permitiram escrever esse artigo que, creio, não teve o objetivo de ser uma biografia, até porque eu correria o sério risco de levar vários puxões de orelha de Sergio por nem sempre aplicar os seus ensinamentos sobre esse gênero nesse espaço. Classificaria, sim, esse texto como um artigo ensaístico e biográfico sobre Sergio Vilas-Boas.

Ao contrário de Hugo, que em *A Superfície Sobre Nós*, encontra Jaime sentado discretamente em uma mesa no fundo de um bar discreto, eu fui encontrar Sergio (que não tem o dobro da minha idade, mas tem alguns bons anos a mais do que eu tanto em jornalismo, pesquisa, docência e literatura quanto em vida) através da Revista Observatório. Agora ele está no exterior em um retiro geográfico, profissional e espiritual enquanto eu sigo aqui, “naquele

país”, seguindo os passos do mestre. Mas, quem sabe, um dia eu não faça o mesmo que Hugo e não apareça na sua casa em Florença para uns dias de retiro? É o melhor que posso fazer depois de tudo o que aprendi e que compartilhei com vocês, caros leitores, sobre esse grande personagem e um dos principais ícones do Jornalismo Literário Brasileiro.

Referências

- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DE SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.
- LODGE, David. **A arte da ficção**. Poro Alegre: L&PM, 2011.
- MACHADO DA SILVA, Juremir. O que escrever quer calar? Literatura e jornalismo. In: CASTRO, Gustavo; GALEANO, Alex. **Jornalismo e literatura – a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**. Florianópolis: Insular, 2016.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. A century of nonfiction solitude: a survey of Brazilian Literary Journalism. In: BAK, John; REYNOLDS, Bill. **Literary journalism across the globe**. Boston: University of Massachusetts Press, 2011.
- RITTER, Eduardo. **A tribo jornalística de Erico Verissimo**. Ijuí: Unijuí, 2016.
- VILAS-BOAS, Sergio. **A superfície sobre nós**. Barueri: Amarilys, 2015.
- VILAS-BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos – jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.
- VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo: Reflexões sobre as Escritas da Vida**. São Paulo: Unesp, 2008.

VILAS-BOAS, Sergio. **Doutor Desafio: A História de Luiz Alberto Garcia, Empreendedor Interiorano Que Enfrentou Governos Militares e Competidores Globais.** Barueri: Manole, 2012.

VILAS-BOAS, Sergio. **Estilo magazine - o texto em revista.** São Paulo: Summus, 1996.

VILAS-BOAS, Sergio; DE VICQ, Ricardo. . **Filhos da ciência.** Barueri: Manole, 2010

VILAS-BOAS, Sergio (org.) **Formação & informação ambiental** – jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

VILAS-BOAS, Sergio (org.) **Formação & informação científica** – jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

VILAS-BOAS, Sergio (org.) **Formação & informação econômica** – jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

VILAS-BOAS, Sergio (org.) **Formação & informação esportiva** – jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005.

VILAS BOAS, Sergio. Introdução. In: BRITO, José Domingos de (org.). **Literatura e jornalismo.** São Paulo: Novera, 2007.

VILAS-BOAS, Sergio. **Ivens Dias Branco: simples, criativo, prático.** Barueri: Manole, 2013.

VILAS-BOAS, Sergio. **Jornalismo literário** - um percurso filosófico. São Paulo: Texto Vivo Edições, 2008.

VILAS-BOAS, Sergio. **Jornalistas literários** – Narrativas da vida real por novos autores brasileiros. São Paulo: Summus, 2007.

VILAS-BOAS, Sergio. **Os estrangeiros do trem N.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: o Mundo dos Outros / 22 Personagens e 1 Ensaio.** Barueri: Manole, 2014.

VILAS-BOAS, Sergio. **Rumores do Silêncio: Uma Reportagem Sobre a Realidade das Hepatites B e Delta no Estado Amazônico do Acre.** Barueri: Manole, 2009.

Textos online:

RITTER, Eduardo. **Sergio Vilas-Boas:** jornalista, pesquisador e escritor por natureza. Disponível em: <http://orebate-eduardoritter.blogspot.com.br/2018/04/>
Acesso em: 18 de abril de 2018.

VILAS-BOAS, Sergio. **Dois anos de jejum.** Disponível em:
<http://www.sergiovilasboas.com.br/2018/04/01/alumbramentos-novos/> Acesso em: 8 de abril de 2018.

VILAS-BOAS, Sergio. **Caro jovem escritor.** Disponível em:
<http://www.sergiovilasboas.com.br/thinking/caro-jovem-escritor/> Acesso em: 8 de abril de 2018.

VILAS-BOAS, Sergio. **Começando em um jornal.** Disponível em:
<http://www.sergiovilasboas.com.br/narratives/comecando-em-um-jornal/>
Acesso em: 30 de março de 2018.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Astoria, Queens, 1994.** Disponível em:
<http://www.sergiovilasboas.com.br/narratives/astoria-queens-1994/> Acesso em: 20 de março de 2018.

VILAS-BOAS, Sergio. **Senso de privacidade.** Disponível em:
<http://www.sergiovilasboas.com.br/2018/04/08/senso-de-privacidade/> Acesso em: 15 de abril de 2018